

Exortação da Guerra **de Gil Vicente**

Figuras: um Clérigo nigromante; Zebron e Danor, diabos; Policena; Pantasileia, Aquiles, Aníbal, Heitor e Cipião.

A tragicomédia seguinte seu nome é Exortação da Guerra. Foi apresentada ao muito alto e nobre rei Dom Manuel, o primeiro em Portugal deste nome, na sua cidade de Lisboa, na partida para Azamor do ilustre e meu magnífico senhor D. Jaime, Duque de Bragança e de Guimarães, era de 1513.

Entra primeiramente um Clérigo nigromante e diz:

CLÉRIGO – Famosos e esclarecidos
príncipes mui preciosos,
na terra vitoriosos
e no céu muito queridos,
sou Clérigo natural
de Portugal,
venho da cova Sibila
onde se esmera e estila
a sutileza infernal.

E venho mui copioso
mágico e nigromante,
feiticeiro mui galante,
astrólogo bem avondoso.
Tantas artes diabris
saber quis,
que o mais forte diabo
darei preso pelo rabo
ao infante D. Luís.

Sei modos de encantamentos
quais nunca soube ninguém;
artes pera querer bem,
remédios a pensamentos:
farei de um coração duro
mais que muro
como brando leituairo
e farei pelo contrairo
que seja sempre seguro.

Sou mui grande encantador,
faço grandes maravilhas :
as diabólicas silhas

são todas em meu favor.
Farei cousas impossíveis,
mui terríveis,
milagres mui evidentes
que é pera pasmar as gentes
visíveis e invisíveis.

Farei que uma Dama esquiva,
por mais sáfara que seja,
quando o galante a veja,
que ela folgue de ser viva;
farei a dous namorados
mui penados
que estão cada um per si,
e cousas farei aqui
que estareis maravilhados.

Farei por meio vintém
que uma Dama muito feia
que s de noite, sem candeia,
não pareça mal nem bem;
e outra fermosa e bela
como estrela
farei por sino forçado
que qualquer homem honrado
não lhe pesasse com ela.

Far-vos-ei mais, pera verdes,
per esconjuro perfeito,
que caseis todos a oito
o melhor que vós puderdes.
E farei da noite dia
per pura nigromancia
se o Sol alumiar;
e farei ir polo ar
toda a vã fantasia.

Far-vos-ei todos dormir
enquanto o sono vos durar,
e far-vos-ei acordar
sem a terra vos sentir.
E farei um namorado
bem penado,
se amar bem de verdade,
que lhe dure essa vontade
até ter outro cuidado.

Far-vos-ei que desejeis
cousas que estão por fazer,
e far-vos-ei receber

na hora que vos desposeis.
 E farei que esta cidade
 estê pedra sobre pedra
 e farei que quem não medra
 nunca tem prosperidade.

Farei per mágicas rasas
 chuvas tão desatinadas
 que estém as telhas deitadas
 pelos telhados das casas;
 e farei a torre da Sé
 assi grande como é,
 per graça da sua clima,
 que tenha o alicerce ao pé
 e as ameias em cima.

Não me quero mais gabar,
 nome de São Cebrião.
 Esconjuro-te, Satão,
 senhores, não espantar.
 Zeet zeberet zerregud zebet,
 ó filui soter
 rehe zezegot relinzet
 ó filui soter.

Ó chaves das profundezas,
 abri os poros da terra;
 príncipe da eterna treva,
 pareçam tuas grandezas.
 Conjuro-te, Satanás,
 onde estás,
 polo bafo dos dragões,
 pola ira dos leões,
 polo vale de Jurafás.

Polo fumo peçonhento
 que sai da tua cadeira;
 e pola ardente fogueira,
 polo lago do tormento,
 esconjuro-te, Satão,
 de coração,
 zezegot seluece soter,
 conjuro-te, Lucifer,
 que ouças minha oração.

Polas névoas ardentes
 que estão nas tuas moradas,
 polas poças povoadas
 de víboras e serpentes,
 e polo amargo tormento,

mui sem tento,
 que dás aos encarcerados;
 polos gritos dos danados
 que nunca cessam momento :
 Conjuuro-te, Berzebu,
 pola ceguidade hebraica
 e pola malícia judaica
 com a qual te alegras tu,
 Rezégut Lintaser
 samzorep tisal
 si rofé nafezeri.

Vêm os diabos Zebron e Danor, e diz:

ZEBRON – Que hás tu, excomungado?

CLÉRIGO – Ó irmãos, venhais embora.

DANOR – Que nos queres tu agora?

CLÉRIGO – Que me façais um mandado.

ZEBRON – Polo altar de Satão,
 dom vilão.

DANOR – Tomo-o por essas gadelhas
 e cortemos-lhe as orelhas
 que este clérigo é ladrão.

CLÉRIGO – Manos, não me façais mal,
 compadres, primos, amigos.

ZEBRON – Não te temos em dois figos.

CLÉRIGO – Como vai a Belial?

Sua corte está em paz?

DANOR – Dá-lhe aramá um bofete,
 crismemos este rapaz
 e chamemos-lhe Zobete.

CLÉRIGO – Ora falemos de siso:
 estais todos de saúde?

ZEBRON – Fideputa, meio almude,
 que tens tu de ver com isso?

CLÉRIGO – Minhas potências relaxo
 e me abaxo;
 falai-me doutra maneira.

DANOR – Sois bispo vós da Landeira
 ou vigário no Cartaxo?

ZEBRON – É Cura do Lumear,
 sochantre da Mealhada, o
 acipreste de canada,
 bebe sem desfolegar.
 É capelão terrantês,
 bom ingrês,
 patriarca em Ribatejo;

beberá sobre um cangrejo
as guelas dum francês.

ZEBRON – Danor, di-me, é Cardial
Da Arruda o ou de Caparica?

DANOR – Nenhuma cousa lhe fica
senão sempre o vaso tal.

Tem um grande Arcebispado,
muito honrado,
junto da Pedra da Estrema,
onde põe o diadema
e a mitra o tal prelado.

ZEBRON – Ladrão, sabes o Seixal
e Almada o e pereli?

Ó fideputa alfaqui,
albardeiro do Tojal!

CLÉRIGO – Diabos, quereis fazer
o que eu quiser
por bem ou doutra feição?

DANOR – Ó fideputa ladrão,
havemos-te de obedecer.

CLÉRIGO – Ora vos mando e remando
polas virtudes dos Céus,
pola potência de Deus
em cujo serviço ando,
conjuuro-vos da sua parte,
sem mais arte,
que façais o que eu mandar
pola terra e polo ar
aqui e em toda a parte.

ZEBRON – Como te vai com as terças?
É vivo aquele alifante
que foi a Roma tão galante?

DANOR – Amargam-te a ti estas verças?

CLÉRIGO – Esconjuuro-te, Danor,
por amor de São Paulo
e de São Polo.

ZEBRON – Tu não tens nenhum miolo!

CLÉRIGO – Eu vos farei vir a dor...

Por esta madre de Deus
de tão alta dinidade
e pola sua humildade
com que abriu os altos Céus,
polas veias virginais
imperiais
de que Cristo foi humanado...

ZEBRON – Que queres, excomungado?
Manda-nos, não digas mais!

CLÉRIGO – Minha mercê manda e ordena
que tragais logo essas horas
diante destas Senhoras
a troiana Policena,
muito bem ataviada
e concertada,
assi linda como era.

DANOR – Quanta pancada te dera
se pudera!
Mas tens-me a força quebrada...

CLÉRIGO – Venha por mar ou por terra
logo muito sem referta.

ZEBRON – E a terça da oferta
também pagas para a guerra?

CLÉRIGO – Trazei logo a Policena
mui sem pena
com sua festa diante.

ZEBRON – Inda irá outro alifante,
pagarás quarto e vintena.

Vem Policena e diz:

POLICENA – Eu que venho aqui fazer?
Ó que grão pena me destes,
pois per força me trouxestes
a um novo padecer!
Que quem vive sem ventura,
em grão tristura,
ver prazeres !he é mais morte,
ó beleníssima corte,
senhora da fermosura.

Não foi o paço troiano
dino do vosso primor:
vejo um Príamo maior,
um César mui soberano.
Outra Hécuba mais alta,
mui sem falta
em s poderosa, doce, humana,
a quem por Febo e Diana
cada vez Deus mais esmalta.

E vós, Príncipe excelente,
dai-me alvíssaras liberais,
que vossas mostras são tais
que todo o mundo é contente.

E aos planetas dos Céus
mandou Deus
que vos dessem tais favores
que em grandeza sejais vós
prima dos antecessores.

Por vós, mui fermosa flor,
ifante dona Isabel,
foram juntos em tropel,
per mandado do Senhor,
o céu e sua companha,
e julgou Júpiter juiz
que fôsseis Imperatriz
de Castela e Alemanha.

Senhor Ifante dom Fernando,
vosso signo é de prudência.
Mercúrio por excelência
favorece vosso bando.
Sereis rico e prosperado
e descansado,
sem cuidado e sem fadiga
e sem guerra e sem briga:
isto vos está guardado.

Ifante dona Beatriz,
vós sois dos sinos julgada
que haveis de ser casada
nas partes de flor de lis.
Mais bem do que vós cuidais,
muito mais,
vos tem o mundo guardado.
Perdei, Senhores, cuidado,
pois com Deus tanto privais.

CLÉRIGO – Que dizeis vós destas rosas,
deste val de fermosura?

POLICENA – Tal fora minha ventura
como elas são de fermosas!

Ó que corte tão luzida
e guarnecida
de lindezas pera olhar!
Quem me pudera ficar
nesta gloriosa vida!

DANOR – Nesta vida! lá acharás...

POLICENA – Quem me trouxe a este fado?

DANOR – Esse zote excomungado
te trouxe aqui onde estás:
pergunta-lhe que te quer

pera ver...

POLICENA – Homem, a que me trouxeste?

CLÉRIGO – Quê?! Ainda agora vieste...
e hás-de me responder!

Declara a estes senhores,
pois foste de amor, ferida,
qual achaste nesta vida
que é a mor dor das dores,
e se as penas infernais
se são às do amor iguais
ou se dão lá mais tormentos
do que cá dão pensamentos
e as penas que nos dais.

POLICENA – Muito triste padecer
no Inferno sinto eu,

mas a dor que o amor me deu
nunca a mais pude esquecer.

CLÉRIGO – Que manhas, que gentileza
há-de ter o bom galante?

Policena – A primeira é ser constante,
fundado todo em firmeza.

Nobre, secreto, calado,
sofrido em ser desdenhado,
sempre aberto o coração
pera receber paixão,
mas não pera ser mudado.
Há-de ser mui liberal,
todo fundado em franqueza:
esta é a mor gentileza
do amante natural.

Porque é tão desviada
ser o escasso namorado e
como estar fogo em geada
ou uma cousa pintada
ser o mesmo encorporado.
Há-de ser o seu comer
dois bocados suspirando
e dormir meio velando
sem de todo adormecer.

Há-de ter mui doces modos,
humano, cortês a todos,
servir sem esperar dela,
que quem ama com cautela
não segue a tenção dos Godos.

CLÉRIGO – Qual é a cousa principal
por que deve ser amado?

Policena – Que seja mui esforçado,
isto é o que mais lhe val.
Porque um velho dioso,
feito e muito tossegoso,
se na guerra tem boa fama,
com a mais fermosa dama
merece de ser ditoso.

Senhores Guerreiros – guerreiros!

E vós, Senhoras, guerreiras!

Bandeiras e não gorgueiras
lavrai pera os cavaleiros.
Que assi nas guerras troiãs
eu mesma e minhas irmãs
teciámos os estandartes
bordados de todas partes
com devisas mui louçãs.

Com cantares e alegrias
dávamos nossos colares
e nossas jóias a pares
per essas capitánias.
Renegai dos desfiados
e dos pontos enlevados:
destrua-se aquela terra
dos perros arrenegados!

Oh! quem viu Pantasileia
com quarenta mil donzelas
armadas como as estrelas
no campo da Palomeia!

CLÉRIGO – Venha aqui! Trazei-ma cá!

ZEBRON – Deixa-nos ieramá!

CLÉRIGO – Ora sus, que estais fazendo?

DANOR – Ó diabo que t'eu encomendo
e quem tal poder te dá!

Entra Pantasileia e diz:

Que quereis a esta chorosa
Rainha Pantasileia,
à penada, triste e feia
pera corte tão fermosa?
Porque me quereis vós ver
diante vosso poder,
Rei das grandes maravilhas,
que com pequenas quadrilhas
venceis quem quereis vencer?

Se eu, Senhor, forra me vira,
do inferno solta agora
e fora de mi senhora,
meu senhor, eu vos servira.
Empregara bem meus dias
em vossas capitánias,
e minha frecha dourada
fora bem aventurada
e não nas guerras vazias.

Ó famoso Portugal,
conhece teu bem profundo,
pois até o pólo segundo o
chega o teu poder real.
Avante, avante, senhores,
pois que com grandes favores
todo o Céu vos favorece:
El-Rei de Fez esmorece
e Marrocos dá clamores.

Oh! deixai de edificar
tantas câmaras dobradas,
mui pintadas e douradas,
que é gastar sem prestar.
Alabardas, alabardas!
Espingardas, espingardas!
Não queirais ser Genoeses,
senão muito Portugueses
e morar em casas pardas.

Cobrai fama de ferozes,
não de ricos, que é perigosa;
dourai a Pátria vossa
com mais nozes que as vozes.
Avante, avante, Lisboa,
que por todo o mundo soa
tua próspera fortuna!
Pois que ventura te enfuna,
faze sempre de pessoa.

Aquiles, que foi daqui
de perto desta cidade,
chamai-o, dirá a verdade,
se não quereis crer a mi.
CLÉRIGO – Ora sus, sus, digo eu.
ZEBRON – Este clérigo é sandeu!
Onde estou que o não crismo?
Ó fideputa judeu,
queres vazar o abismo?

Vem Aquiles e diz:

AQUILES – Quando Júpiter estava
em toda sua fortaleza
e seu grão poder reinava
e seu braço dominava
os cursos da natureza;
Quando Martes influía
seus raios de vencimento
e suas forças repartia;
quando Saturno dormia
com todo seu firmamento;

E quando o Sol mais luzia
e seus raios apurava
e a Lua aparecia
mais clara que o meio dia;
e quando Vénus cantava,
e quando Mercúrio estava
mais pronto em dar sapiência;
e quando o Céu se alegrava
e o mar mais manso estava
e os ventos em clemência;

E quando os sinos estavam
com mais glória e alegria
e os pólos se enfeitavam
e as nuvens se tiravam
e a luz resplandecia;
e quando a alegria vera
foi em todas naturezas:
nesse dia, mês e era,
quando tudo isto era,
nasceram Vossas Altezas.

Eu, Aquiles, fui criado
nesta terra muitos dias
e são bem-aventurado
ver este reino exalçado
e honrado per tantas vias.
Ó nobres seus naturais,
por Deus não vos descuideis:
lembre-vos que triunfais;
ó prelados, não durmais,
clérigos, não murmureis.

Quando Roma a todas velas
conquistava toda a terra,
todas donas e donzelas

davam suas jóias belas
 pera manter os da guerra.
 Ó pastores da Igreja,
 moura a seita de Mafoma!
 Ajudai a tal peleja!
 Que açoutados vos veja
 sem apelar pera Roma.

Deveis de vender as taças,
 empenhar os breviairos,
 fazer vasos de cabaças
 e comer pão e rabaças
 por vencer vossos contrairos
 ZEBRON – Assi, assi, aramá!
 Dom zote, que te parece?
 CLÉRIGO – E a mi que se me dá?
 Quem de seu renda não há,
 as terças pouco lhe empece.

AQUILES – Se viesse aqui Aníbal
 e Heitor e Cipião,
 vereis o que vos dirão
 das cousas de Portugal
 co m verdade e com rezão.
 CLÉRIGO – Sus, Danor, e tu, Zebrão,
 venham todos três aqui.
 DANOR – Fideputa, rapaz, cão,
 perro, clérigo, ladrão!
 ZEBRON – Mau pesar veja eu de ti!

Vêm Aníbal, Heitor, Cipião, e diz:

ANÍBAL – Que cousa tão escusada
 é agora aqui Aníbal,
 que vossa corte é afamada
 per todo mundo em geral.
 HEITOR – Nem Heitor não faz mister.
 CIPIÃO – Nem tão pouco Cipião.
 ANÍBAL – Deveis, Senhores, esperar
 em Deus que vos há-de dar
 toda África na vossa mão.

África foi de Cristãos,
 mouros vo-la têm roubada.
 Capitães, ponde-lhe as mãos,
 que vós vireis mais louções
 com famosa nomeada.
 Ó Senhoras Portuguesas,
 gastai pedras preciosas,
 Donas, Donzelas, Duquezas,

que as tais guerras e empresas
são propriamente vossas.

É guerra de devação,
por honra de vossa terra,
cometida com rezão,
formada com descrição
contra aquela gente perra.
Fazei contas de bugalhos
e perlas de camarinhas,
firmas de cabeças de alhos.
Isto si, Senhoras minhas,
e esses que tendes dai-lhos.

Oh! que não honram vestidos
nem mui ricos atavios,
mas os feitos nobrecidos;
não briaís de ouro tecidos
com trepas de desvarios:
dai-os pera capacetes.
E vós, priores honrados,
reparti os priorados
a suíços e soldados
Et centum pro uno accipietis.

A renda que apanhais
o melhor que vós podeis,
nas igrejas não gastais,
aos proves pouca dais,
eu não sei que lhe fazeis.
Dai a terça do que houverdes,
pera África conquistar
com mais prazer que puderdes,
que quanto menos tiverdes
menos tereis que guardar.

Ó senhores cidadãos,
Fidalgos e Regedores,
escutai os atambores
com ouvidos de cristãos.
E a gente popular
avante! não recusar!
Ponde a vida e a fazenda,
porque pera tal contenda
ninguém deve recuar.

Todas estas figuras se ordenaram em caracol, e a vozes cantaram e representaram o que se segue, cantando:

TODOS – Ta la la la lão, ta la la la lão

ANÍBAL – Avante! Avante! Senhores!
 Que na guerra com rezão
 anda Deus por capitão.
Cantam – Ta la la la lã, ta la la la, lã.
 ANÍBAL – Guerra, guerra, todo estado!
 Guerra, guerra, mui cruel!
 Que o grão Rei Dom Manuel
 contra Mouros está irado.
 Tem prometido e jurado
 dentro no seu coração
 que poucos lhe escaparão.

TODOS – Ta la la la lã, ta la la la lã.

Aníbal, falando:

Sua Alteza determina
 por acrescentar a fé,
 fazer da mesquita Sé
 em Fez por graça divina.
 Guerra, guerra mui contina
 é sua grande tenção.

TODOS – Ta la la la lã, ta la la la lã.

Aníbal, falando:

Este Rei tão excelente,
 muito bem afortunado,
 tem o mundo rodeado
 do Oriente ao Ponente:
 Deus mui alto, omnipotente,
 o seu real coração
 tem posto na sua mão.

TODOS – Ta la la la lã, ta la la la lã.

E com esta suíça se saíram, e fenece a susodita tragicomédia.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 1997

<http://www.ipn.pt/literatura>
